

DIÁLOGOS ENTRE PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO E A CRISE EDUCACIONAL BRASILEIRA: aprendizado, redes sociais e desejos maquínicos

DIALOGUES BETWEEN PSYCHOLOGY OF EDUCATION AND THE BRAZILIAN EDUCATIONAL CRISIS: learning, social networks and machinic desires

DIÁLOGO ENTRE PSICOLOGÍA DE LA EDUCACIÓN Y CRISIS EDUCATIVA BRASILEÑA: aprendizaje, redes sociales y los deseos maquínicos

Rafael Ademir Oliveira de Andrade

Graduado em Ciências Sociais e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Professor do Centro Universitário São Lucas. Pesquisador do Grupo Diálogos (UniSL).
profrafaelsocio@gmail.com

Recebido para avaliação em 09/01/2017; Aceito para publicação em 18/11/2017.

RESUMO

O presente artigo pretende realizar um diálogo entre aspectos da crise educacional brasileira a partir da Psicologia da Educação. Nosso recorte teórico tem como objetivo debater acerca da relação desejo e aprendizado na lógica psicanalítica e a relação entre experiência e aprendizado na Escola Nova e como o desenvolvimento do capitalismo e suas razões ideológicas sobre estes elementos contribui para a permanência do cenário crítico dos processos educacionais brasileiros. Compreende-se que estes aspectos são apenas um recorte e com esta discussão consideramos que este trabalho intenciona somar as discussões já estabelecidas no eixo capitalismo e educação. Nosso método de trabalho será a discussão racional sobre os objetos analisados, compondo uma reflexão bibliográfica e factual, com posição multireferencial, tecendo assim alinhavos teóricos e práticos sobre os objetivos dialogais. Chegamos à conclusão de que o elemento do desejo e do aprendizado por experiências são orientados na contemporaneidade pela ideologia capitalista e que a escola e seus pesquisadores devem debater estas questões na sua prática, leituras e escritas e este artigo é a fala de um professor e pesquisador que se intenciona somar as demais.

Palavras-chave: Psicologia da Educação; Crise Educacional; Aprendizagem.

ABSTRACT

This article intends to conduct a dialogue between aspects of the Brazilian educational crisis based on the Psychology of Education. Our theoretical clipping aims to discuss the relation between desire and learning in psychoanalytic logic and the relation between experience and learning in the New School and how the development of capitalism and its ideological reasons on these elements contributes to the permanence of the critical scenario of Brazilian educational processes. It is understood that these aspects are only a cut and with this discussion we consider that this work intends to add the already established discussions in the axis capitalism and education. Our method of work will be the rational discussion about the objects analyzed, composing a bibliographical and factual reflection, with a multireferential position, thus weaving theoretical and practical tacks on the dialogical objectives. We come to the conclusion that the element of desire and learning by experience are oriented contemporaneously by the capitalist ideology and that the school and its researchers should debate these questions in their practice, readings and writings and this article is the talk of a teacher and researcher that it intends to add the others.

| Rafael Ademir Oliveira de Andrade |

Keywords: Psychology of Education; Educational Crisis; Learning.

RESUMEN

Este artículo tiene la intención de mantener un diálogo entre los aspectos de la crisis de la educación brasileña de la Psicología de la Educación. Nuestro marco teórico tiene como objetivo discutir sobre la relación deseo y el aprendizaje en la lógica psicoanalítica y la relación entre la experiencia y el aprendizaje en la New School y el desarrollo del capitalismo y su ideología sobre estos elementos contribuyen a la permanencia del escenario crítico de los procesos educativos brasileños. Se entiende que estos aspectos son sólo un corte y con esta discusión que consideran que este trabajo tiene la intención de añadir las discusiones ya establecidos en el eje capitalismo y la educación. Nuestro método de trabajo es la discusión racional de los objetos analizados, creando un reflejo bibliográfica y de hecho, la posición multirreferencial, tejiendo hilvanado teóricos y prácticos sobre los objetivos dialógicos. Llegamos a la conclusión de que el deseo del elemento y el aprendizaje a través de experiencias están orientadas en la actualidad por la ideología capitalista y que la escuela y sus investigadores deben analizar estas cuestiones en su práctica, la lectura y la escritura y este artículo es el discurso de un profesor e investigador que pretende añadir otros.

Palavras chave: Psicologia de la Educación; Crisis Educativa; Aprendizaje.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de discussões realizadas em três momentos formativos diferentes que perpassam a perspectiva do pesquisador em educação. Primeiro a graduação em Pedagogia, o mestrado em Educação e a docência no ensino superior. Estes processos levaram à compreensão de que vivemos uma crise do sistema educacional brasileiro causado ou agravado por diversos fatores, dos quais podemos citar de forma preliminar o descaso do Estado, a precarização salarial e formativa do docente, o constante avanço dos blocos hegemônicos neoliberais sobre a gestão e atuação escolar, a não comunicação ou comunicação deturpada da relação aluno-escola-sociedade, dentre outros.

Neste artigo, pretende-se analisar este último ponto na perspectiva de um dos fundamentos epistemológicos das Ciências da Educação, que é o pilar e motor da Pedagogia. A psicologia da educação vai estabelecer discussões sobre a educação na relação de desenvolvimento, aprendizado, processos afetivos, assimilação da cultura entre homem e sociedade. Assim, pretende-se analisar a crise dos processos educacionais brasileiros a partir da perspectiva psicológica. O trabalho está dividido em três eixos de discussão.

No primeiro eixo será apresentada a visão da crise institucional que vive a educação brasileira na intenção de delimitar qual contexto será analisado nos demais pontos a partir da psicologia da educação. No segundo eixo os conceitos de desejo e padronização cultural serão discutidos em sua presença nos processos educacionais e como esta padronização idealizada pelos aparelhos ideológicos das classes hegemônicas orientam processos formativos e educacionais de professores e alunos. No terceiro eixo a relação entre

| Rafael Ademir Oliveira de Andrade |

experiência e formação será discutida, procurando definir os processos de transformação da experiência reflexiva de Dewey em elementos mecânicos de formação.

Este artigo não pretende estabelecer um espaço teórico e metodológico específico, mas dialogar com os autores com o intuito multireferencial de desenhar os espectros da crise brasileira a partir da análise psicológica do aprendizado e desenvolvimento.

CRISE INSTITUCIONAL DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Pode-se sim, em uma análise da história e da atualidade brasileira afirmar que há sim, uma crise nos processos educacionais. Não uma crise em ondas, mas uma permanente depreciação do processo de ensino. Por exemplo, afirma a professora Helena de Freitas (2007) que a luta por melhores condições de trabalho e formação dos educadores faz parte das lutas dos profissionais em educação dos últimos 30 anos. Entretanto, estas mudanças dificilmente ocorrerão dentro da estrutura do capitalismo, ainda mais no contexto neoliberal que se configura na atualidade brasileira. A deterioração se mantém graças ao baixo incentivo e investimento na educação e em seus profissionais por parte do governo federal, estado e municípios. Por exemplo, em 2007, 4,3% do Produto Interno Bruto foram voltados para a educação e de 4 a 7% foram movidos para pagar juros no setor bancário (FREITAS, 2007).

As ações recentes do governo (como bolsas, investimento na iniciativa privada e fomento das educações não presenciais) visam mascarar as deficiências na educação e com apoio da propaganda governamental. O governo do Estado brasileiro oferece igualdade de oportunidades ao invés de igualdade de condições, que deveria ocorrer na rede pública de ensino, gratuita, de qualidade e para todos, o que quer dizer que o princípio da democracia enquanto possibilidades para todos não é respeitado ao passo que poucos têm acesso às facilidades da estrutura, fazendo com que a escola reproduza a sociedade e sua desigualdade (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002). Este cenário gera uma escassez de professores, que é uma questão estrutural e produzida historicamente pela retirada do Estado da manutenção da educação pública.

Há também uma crise simbólica da educação, focada nas formações imaginárias de nosso tempo como a proliferação de imagens não condizentes com a realidade social, a multiplicação de objetos (e pessoas) a serem consumidos pela criança, a naturalização do mundo (o mundo é, como é, afirma-se) que faz as massas pensarem que existe um mundo natural que se pode acessar sem um meio simbólico ou ideológico. Este modelo de

| Rafael Ademir Oliveira de Andrade |

educação afirma que o mundo não é ideológico, que “está do jeito que está” por que é natural e não uma construção dos homens, especialmente, aqueles no poder. A crise na educação brasileira é considerada uma manifestação dos interesses da classe dominante em se manter em seu posicionamento atual.

Pode-se afirmar que a criança moderna é um ser que não pode ser separado da escola (KRUPFER, 2007) e que este lugar é responsável por boa parte de sua sociabilidade, tanto é que o tempo de escolarização da criança coincide exatamente com seu tempo de “ser criança”, desta forma, pode-se pensar que a crise da educação é um sintoma da crise social em que vive o Brasil, pois a educação forma os “novos membros da sociedade” dentro de um padrão esperado de “indivíduo normal”.

PSICANÁLISE, PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES E EDUCAÇÃO

Estabelecendo uma conexão entre a crise da educação brasileira e as relações subjetivas dos sujeitos devemos compreender o espaço formador da educação. Citemos a tese do professor Tomaz Tadeu da Silva (2010) quando este estabelece o papel formativo do currículo: o trajeto formativo não abrange apenas os conhecimentos adquiridos pelos educandos e sim a soma de suas perspectivas sobre si e sobre a sociedade em geral. Assim, torna-se importante dialogar com a formação e análise das subjetividades com a educação e seus processos.

A perspectiva psicanalítica da educação parte do pressuposto básico de que todos os homens são movidos por um centro motor, o “id”, que é intermediado pelo superego, como forma de controle moral estabelecido na relação com a sociedade e pelo Ego, a noção de realidade que é constituída no conflito dos desejos com as regras e padrões sociais. De fato, este é o pensamento básico da própria psicanálise.

Com relação à educação, não podemos deixar de pensar que a sala de aula é o local onde pessoas com diversos desejos diferentes estão ali para, supostamente, aprender sobre algo, tecer comentários construtivos, experimentar saberes e sensações. Freud, ou mais especificamente, sua filha Anna, vão dialogar com a educação no sentido de estabelecer uma conexão entre libido e aprendizado. Estaremos dispostos a aprender se nosso desejo estiver centrado nesta ação ou se formos coibidos por uma espécie de “ego-auxiliar” (termo meu – uma suposição a partir do papel do docente enquanto orientador de certos conceitos morais ainda não fundamentados pelo educando) do professor a realizar esta atividade (CUNHA, 2012).

| Rafael Ademir Oliveira de Andrade |

Dois posicionamentos podem ser considerados importantes na relação entre psicanálise e educação. Primeiro que a relação entre professor e aluno se dá no inconsciente e também é transferencial, ou seja, o professor e o aluno vão transferir perspectivas e desejos uns para os outros e para os processos educacionais também, se torna necessário que para que os processos de ensino e aprendizado ocorram, os agentes da educação estejam envolvidos com o processo não apenas na trama consciente, mas inconsciente.

A segunda questão afirmada pela teoria é que nas fases do desenvolvimento, que são essencialmente os espaços onde a libido irá se concentrar em maior ou menor quantidade, é possível encontrar espaços de maior ou menor uso desta energia nas atividades educacionais, especialmente na fase de latência (FREUD, 1996), na qual a libido pode ser direcionada para atividades educacionais. A latência, exposto primeiramente no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” orienta as energias do indivíduo com vistas a adiar a função reprodutiva, sendo uma defesa contra as pulsões sexuais na infância que, por sua vez, orientam forças para outras ações, sendo uma das possíveis o aprendizado.

Em suma, podemos afirmar que o desejo é o motor da vida (ou impulso, pulsão) e como a educação é parte essencial da vida, o é também do ato de aprender e ensinar.

Esta primeira afirmação serve como ponto de apoio de nossa hipótese que iremos debater nas linhas a seguir. Acreditamos que um dos motivos (dentre muitos) da falência ou da crise educacional brasileira atual decorre exatamente do desencontro entre educação e desejo dos indivíduos, desencontro este fortalecido pelas subjetividades produzidas com intenções consumistas e imediatistas, marcada pela crença do sucesso do mínimo esforço e personalismo das crises sociais.

Para dissertar sobre a criação de subjetividades, utilizaremos o psicanalista Félix Guattari (1992). O mesmo afirma que as subjetividades são construídas por meios individuais, coletivos e institucionais, o que significa que para o autor não há uma separação entre a subjetividade e a sociedade e os espaços existenciais não podem ser analisados sem a compreensão da sociedade, cultura e história do sujeito. Mesmo a “psicanálise tradicional” não se esquivava em afirmar que o superego é uma construção social dentro de um contexto específico.

Guattari (1992) vai além ao afirmar que a subjetividade humana é influenciada pela sociedade de uma forma específica na contemporaneidade, com o avanço das liberdades e individualidades. As máquinas são grandes aparelhos na construção da subjetividade no que

| Rafael Ademir Oliveira de Andrade |

tange à informação e comunicação acessadas, conceito este que vai chamar de consciente maquínico.

Há uma espécie de direcionamento, que visa homogeneizar e organizar a formação de subjetividades em grandes blocos maquínicos. Neste ponto que ele vai negar a psicanálise tradicional e vai propor uma terapia que re-singularize os sujeitos para um encontro com sua existência. Guattari (1990) vai afirmar que uma nova visão da subjetividade, desligada dos blocos formativos e das tecnologias alienantes formaria uma nova ecologia de relação do homem com a natureza, com o trabalho e com sua singularidade.

Gruschka (2008), ainda na perspectiva psicológica da educação, vai afirmar que os educandos tendem a direcionar seus espelhamentos para as grandes estrelas apontadas pela mídia, que por sua vez não são escolhas “ao acaso” de apresentação. O que temos, ao somar as perspectivas dos autores citados com a experiência em sala de aula como aluno e formador, é que as mídias sociais são elementos de maquinização das subjetividades das crianças, ou seja, que elas vão querer ocupar espaços na sociedade de acordo com o que ali visualizam como aspectos de “sucesso, poder, capacidade de consumo”.

Esta característica é reforçada pelo jurista Fachin (2011), ao relacionar os conceitos dialogados por Gilles Lipovetsky no que tange à criminalidade e acesso a bens culturais de crianças de baixa renda. Afirma que a recorrência à criminalidade é comum em certas camadas sociais devido não apenas ao ambiente cultural em que vivem (de valorização da cultura do crime e da drogadição), mas também dos desejos impostos pela sociedade do hiperconsumo que não podem ser realizados por estas camadas sociais.

Realizam então aquele desejo conduzido pela própria sociedade da forma que lhes é possível (e até mesmo admirado): pela criminalidade. Para aqueles com maior acesso a bens culturais e incentivos educacionais de outras formas, a realização cabe às maneiras exaltadas pela própria sociedade: ser um “youtuber¹”, esportista (especialmente futebol) ou celebridade da televisão ou cinema. Das profissões de formação acadêmica, medicina, direito, ciências contábeis, engenharia e ciências da computação são as profissões mais desejadas e, não por coincidência, mais remuneradas.

Há uma desconexão entre a educação e seus objetivos com os desejos dos educandos. Tendo em vista que os primeiros são idealizados pelas formas do Estado e a segunda pela vida social marcada pelos pensamentos heterogêneos e ao mesmo tempo homogeneizados pelas subjetividades maquínicas e culturas de massa. Além dos exemplos

¹ Ver mais em: <<http://www.guiadacarreira.com.br/carreira/as-profissoes-mais-bem-pagas/>>.

| Rafael Ademir Oliveira de Andrade |

supracitados, podemos destacar uma dicotomia entre os artigos 2º e 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 com os desejos proferidos por indivíduos em grupo da rede social WhatsApp².

Na Lei de Diretrizes e Bases de 1996, temos a educação baseada em princípio de igualdade e pluralismo de ideias, respeito à liberdade e apreço à tolerância, consideração à diversidade étnico-racial, dentre outros elementos democráticos e multiculturais. Já no texto “O que vi nos 20 dias que passei em um grupo de apoiadores de Bolsonaro”, de Diógenes Muniz (2016, citado na nota de rodapé nº 05), vemos defesa de ideias de machismo, exercício não controlado de poder militar, apoio à tortura, à violência como solução primeira, homofobia, misoginia, dentre outras questões que não fazem parte do que cita a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996. Se estas pessoas foram educadas na rede pública ou privada de ensino institucional, não foi a educação capaz de lhes imprimir uma perspectiva democrática e tolerante das diferenças sociais.

Coube às redes sociais e ao convívio social a definição destes aspectos. A diferença entre os elementos que devem basilar a educação brasileira e as falas/desejos de indivíduos que passaram pelo processo educacional. Dentro da tríade apresentada por Guattari (1992) de formação da subjetividade - individuais, coletivos e institucionais - as instituições de ensino não estão conseguindo avançar no debate e contenção das ações retrogradadas, agressivas, consumistas e mecanicistas da sociedade e das elites econômicas e políticas brasileiras.

A partir do que foi discutido até então, podemos afirmar que uma das fontes da crise institucional da educação brasileira que pode ser explicada pela Psicologia da Educação é que há uma diferença entre o desejo dos alunos, um dos elementos fundamentais do aprendizado na perspectiva psicanalítica da educação. Desejo este que tem sua fonte na libido, como coloca Laplanche e Polaris (1996), a qual pode ser conceituada como uma energia postulada por Freud como substrato das pulsões sexuais com relação ao objeto, um deslocamento dos investimentos com relação à meta (sublimação, ou seja, direcionamento da libido para atividades socialmente aceitas, dentre elas os processos educativos) e a erotização sexual.

Não há uma relação entre os objetivos da educação, e em alguns casos com seu método, essencialmente mecanicista, conteudista e não relacionado à prática social (“para que me serve isto, professora?”) e os objetivos, ou desejo, dos educandos que, como afirmamos anteriormente, não se relacionam essencialmente com o aprendizado, mas com

² Ver mais informações em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/o-que-vi-nos-20-dias-que-passei-em-um-grupo-de-apoiadores-de-jair-bolsonaro-no-whatsapp/>>.

| Rafael Ademir Oliveira de Andrade |

a ocupação de espaços na estrutura social, especialmente aqueles com maior capital social atrelado. Ou seja, cuja detenção concede privilégios sociais ao portador, sendo objeto de disputa de todos os indivíduos e acessado apenas por uma minoria privilegiada (BOURDIEU; PASSERON, 2009).

Os educandos desejam que a educação tenha uma recíproca prática que lhes traga altos retornos financeiros e status social ou alcançarão estes objetivos por outras formas, como afirma Fachin (2011). Desejos estes cunhados pela mídia e pelo grande capital, manifestando-se na criação de subjetividades massificadas pelos mesmos gostos e visões ideológicas.

Mais manifestações da crise educacional e sua explicação psicanalítica são levantadas pelo professor Vinícius Marcus da Cunha (2012) no que tange ao próprio subconsciente e à relação do professor com o aluno. Pela remuneração média do professor em relação às demais profissões com prestígio econômico e social, o docente não tem muitos de seus desejos (mesmo os de liberdade intelectual graças à exorbitante carga horária em sala de aula, às atividades burocráticas e o baixo acesso de bens culturais associados à baixa remuneração) realizados. A profissão não tem mais o mesmo prestígio social ou capacidade de “modificar a realidade”, a questão estrutural e logístico do trabalho, dentre outras questões nos fazem pensar que o professor também não se realiza e se identifica com o seu trabalho.

A crise dos sentidos na educação também pode ser classificada com a crise das identificações e sublimações, desalinhamento causado pelos interesses de uma classe dominante sobre as demais a partir do controle midiático e das formas da política.

A EXPERIÊNCIA COMO PROCESSO EDUCATIVO OU ENSINAR A PRODUZIR

Dewey foi um dos primeiros a trabalhar a metodologia de projetos e foi também um dos grandes influenciadores do pensamento pedagógico brasileiro (CARVALHO, 2011), especialmente no movimento da Escola Nova. Nesta relação temos que apontar algumas questões para compreender aspectos psicológicos e de construção de metodologias e espaços dentro dos processos educacionais e seus elementos de crise.

Dewey (1979) vai defender que a experiência refletida é a forma de educar por excelência. A experiência significada vai permitir ao aluno (ou o indivíduo em geral)

| Rafael Ademir Oliveira de Andrade |

antecipar percepções e ações da vida em sociedade, possibilitando agir da melhor forma possível.

Para Dewey (1979), educar é orientar e organizar experiências para que se possa construir uma nova sociedade. Para se consolidar esta ação pedagógica, se faz necessário que as experiências escolares sejam simplificações da experiência social futura, que seja realizada de forma purificada, ou seja, sem os vícios da sociedade que se quer mudar e que estejam ligadas à vida social do educando.

O educando só será capaz de compreender e modificar a sociedade se estudá-la, de forma simulada, a partir de uma perspectiva que busque diminuir ou erradicar os erros da sociedade já vigente. Nesta perspectiva, John Dewey pensaria que a escola reproduz a sociedade dentro de um espaço controlado e o que nos apontam os elementos já debatidos no decorrer deste artigo é que nossa escola perde constantemente esta capacidade, de pensar uma nova sociedade.

Estes pontos foram basilares para elementos da nova pedagogia brasileira proposta pela Escola Nova onde o “aprender a aprender” significa que o aluno possa aprender a interpretar suas experiências sociais a partir de uma razão racional e o professor é apenas um orientador do processo - aprender a estudar, a pesquisar, o aluno deve aprender a aprender sozinho.

Além disto, Dewey influenciara fortemente o ensino por projetos, “uma pedagogia por projetos” que tem como objetivo aproximar “agora” o educando da vida “futura”. Não podemos esquecer que a “vida futura”, no contexto escolanovista, no qual se planeja orientar o educando é uma vida plena, de cidadania, erudição, manifestação cultural e orientação política.

Esta pedagogia de projetos foi implantada fortemente no Brasil, afinal “quem nunca plantou pés de feijões na escola?”. Visando, quando possível materialmente, aproximar a prática educacional da realidade social atual e futura do educando. Tendo estes pontos explicitados, esta parte do artigo visa debater os novos usos da pedagogia de projetos e do “aprender a aprender” escolanovista na atualidade como uma das manifestações da crise ideológica e esvaziamento de sentidos da educação brasileira, aproximando mais um aspecto da Psicologia da Educação, especialmente no que tange ao aprendizado.

Saviani (2008) vai apontar como características básicas do pensamento pedagógico da era “pós-moderna brasileira”, uma era marcada pela sensação exata de que aquele que

| Rafael Ademir Oliveira de Andrade |

não for útil perecerá, sensação esta que se entranha na educação e seus processos formais. Estas características delimitarão nossa resposta à hipótese destacada.

A primeira característica é o (1) neo-produtivismo, que é marcado pela ideia de que o indivíduo deve lutar pela capacidade de se inserir no mercado e, por consequência, no meio social. Se antes, especialmente na década de 60 e 70 do século XX, deveríamos pensar uma formação educacional para a inserção na sociedade do pleno emprego, hoje a educação deve preocupar-se com a empregabilidade, ou seja, a capacidade do indivíduo de empregar-se em meio à crise do emprego (GENTILI, 2004; SAVIANI, 2008).

Ao mesmo tempo em que a educação se torna uma forma de investimento em capital humano individual, ela não garante o emprego, pois o desenvolvimento da economia atual (pós-fordista e pós-keynesiana) permite que o capitalismo se desenvolva mesmo com um alto índice de desemprego. A característica atual é a exclusão, a automação do processo de produção e uma constante competição no trabalho.

Surge então, nesta questão, o que Saviani (2008) vai chamar de Pedagogia da Exclusão, que busca formar indivíduos para se tornarem empregáveis e, por consequência, deixarem de serem excluídos. Caso não consigam, esta pedagogia ensina a interiorizar a responsabilidade, voltando-se para ações que disfarçam o cenário econômico real: o empreendedorismo, o trabalho voluntário, a terceirização, as “ONGs”, dentre outras.

E mesmo com estas alternativas, não há inclusão total. A pedagogia da exclusão ensina que o erro é do próprio cidadão: sua falta de empregabilidade é o que lhe constitui como excluído, não a crise e o acúmulo de capital. O neoprodutivismo transforma o homem produtivo em um homem que coloca em si a própria culpa da exclusão, incapaz de acusar o sistema social deste fato.

A segunda característica destacada por Saviani (2008) é o (2) neoescolanovismo, que é uma nova perspectiva da Escola Nova, debatida acima neste tópico. Esta característica da pedagogia brasileira atual parte da questão da empregabilidade. Afirmo que o “aprender a aprender” não se estabelece mais no ser um constante pesquisador da vida e da sociedade cultural, política e laboral, mas de aprender e reaprender para se encaixar nas demandas, cada vez mais rigorosas, do mercado de trabalho.

Este conceito ressignificado tem suas aplicações e discussões no relatório de Jacques Delors da Comissão Internacional para o Século XXI³ de 1996 e nos Parâmetros Curriculares Nacionais de 2007, onde o “aprender a aprender ocorre num contínuo processo de educação permanente” (SAVIANI, 2008). Em suma, não se ensina mais a

³ Jaques Delors foi presidente da comissão. Leia mais em:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>.

| Rafael Ademir Oliveira de Andrade |

significar a vida de acordo com as experiências vividas, como afirma Dewey, mas se ensina a se ressignificar para ter a empregabilidade garantida frente a um sistema que vive do lucro e não da sustentabilidade humana.

A terceira característica é o (3) neoconstrutivismo. O construtivismo tem a ação como ponto central do desenvolvimento e aprendizado da criança, o sujeito vai se constituindo em esquemas de compreensão da realidade, esquemas que se classificam em sensório-motor e abrangem finalmente o conceitual, tendo a inteligência como um órgão que constrói conhecimentos, não os repetem.

No construtivismo pós-moderno da sociedade brasileira temos uma retórica reformista, que é o emprego de instrumentos perceptivos e sinais motores (práticos) e não de signos complexos, símbolos ou esquemas representativos. Em suma, ensina-se o indivíduo não a construir o conhecimento sobre a realidade, mas de saber reagir de forma treinada a situações-chave já esperadas, usando a prática em relação com a solução direta, não reflexão.

Saviani (2008) aponta duas teorias fundamentais para o neoconstrutivismo: o professor reflexivo, que é centrado na pragmática da experiência cotidiana, e a teoria das competências, que visa objetivos operacionais, que o aluno seja capaz de realizar as operações e adquirir competências, não de refletir em um macro contexto sobre a situação problema.

Não há uma adaptação do sujeito ao meio por conhecê-lo em todas as suas instâncias, mas por ter capacidades de se portar frente ao mesmo.

Estas questões não vão ter implicações apenas sobre os alunos, mas também sobre os professores. Estes também devem aprender a aprender constantemente, o mercado de trabalho quer um professor flexível, de formação aligeirada, se qualificando durante a prática docente, geralmente apoiado em cursos rápidos. Nessa qualificação focada na “qualidade total” o professor também deve ser polivalente e super produtivo.

Estas três características levam a muitas questões. Primeiro de que a educação se desapega cada vez mais do seu fator integrador, não visa mais formar para a vida, mas formar para a execução perfeita de certas partes da vida, geralmente aquelas relacionadas à lucratividade; visam formar um educando e um docente que seja incapaz de refletir sobre a cultura, sendo ele também uma marionete das mídias e das instituições ideológicas, não podendo conceder autonomia ao educando, estando ele mesmo reproduzindo as falácias sociais.

| Rafael Ademir Oliveira de Andrade |

A questão é: Um professor que segue ou foi formado dentro destas e outras características da educação em tempos neoliberais tenderá a reproduzir a visão dominante da sociedade. Um professor com parca formação humana e crítica pode estabelecer ou orientar, como intelectual que é, uma visão não crítica da sociedade, levando o educando a crer que a realidade social pauta-se naquela diminuta visão, reproduzindo os preconceitos, o discurso de ódio, a submissão colonial e, principalmente para nosso contexto, a lógica submissa do empregado frente ao patronato.

Os projetos desenvolvidos (como os modelos de projeto integrador) no âmbito da educação que busca a empregabilidade e resolução não refletida são uma deturpação dos conceitos de experiência e projetos que John Dewey descreve. Se na perspectiva deste autor os projetos serviriam para aproximar os educandos da vida social, dentro de uma perspectiva crítica e humanista da educação, para a educação brasileira moderna, amplamente marcada pelos projetos neoliberais, os projetos são formas de treinamento para a inserção do mercado de trabalho. O neoprodutivismo, o neoescolanovismo e o neoconstrutivismo são as formas pelas quais esta lógica se faz prática social.

Diferente do ponto anterior, a face da crise aqui analisada não é produtiva, mas sim ideológica. Uma educação que não vise à formação completa dos indivíduos e os submete, ainda mais, às exigências do mercado de trabalho e do grande capital deve ser olhada rigorosamente. É fato que o olhar psicológico da educação não se abstém da formação laboral dos educandos, afinal o trabalho é a forma pela qual a sociedade se constitui e mantém, mas pode-se classificar como alienante uma pedagogia que vise apenas à formação laboral e ainda de forma mais perversa, submetendo a pessoa a crer que todo fracasso, descaso e desigualdade da sociedade moderna é única e responsabilidade dela mesma.

CONCLUSÃO

A partir das reflexões estabelecidas neste trabalho concluímos que a educação é uma das instituições sociais responsáveis pelo desenrolar das estruturas psicológicas dos educandos e por este motivo devemos analisar quais são as influências das estruturas de poder dentro dos “muros” da escola. Este artigo debate dois elementos centrais: a relação entre desejo, aprendizado e a crise do sentido escolar e as novas configurações do aprender a aprender do movimento Escola Nova dentro da crise do emprego e da produção que atravessa o capitalismo após o fim dos Estados de bem-estar social.

| Rafael Ademir Oliveira de Andrade |

As discussões estabelecidas acima visam somar às demais falas sobre educação e psicologia, relacionando-se especialmente as teorias do aprendizado e suas relações com o capitalismo e sua ideologia. É perceptível, até mesmo para o pesquisador novato, que a educação brasileira se situa em terceiro plano das intenções do Estado, que professores e educandos encontram-se desmotivados no que tange ao aprender e seu sentido e que, de forma geral, são diminutas escolas que encontram alternativas para este cenário.

Por fim, o artigo disserta sobre estes temas sem apresentar conclusões definitivas, mas elencando pontos para o debate. Nossa perspectiva multireferencial se propõe exatamente a isto, permitir o diálogo entre múltiplos leitores e produtores de conteúdo. Em uma sociedade cada vez mais restrita ao diálogo e tendendo à ditadura da opinião, dialoguemos então.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Covilhã: Universidade da Beira, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (9394/96)**. Brasília: Senador Federal, 1996.

CARVALHO, Viviane Batista. As influências do pensamento de John Dewey no cenário educacional brasileiro. **Revista Redescições** – Revista Online do GT de Pragmatismo, ano 03, n. 01, 2011. Disponível em: <http://gtpragmatismo.com.br/redescicoes/redescicoes/ano3_01/4_carvalho.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2017.

CUNHA, Marcos Vinícius da. **Psicanálise e Educação**. São Paulo: Univesp, 2012.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

FACHIN, Luiz Edson. Reflexões sobre Risco e Hiperconsumo. **Revista Judiciária do Paraná**, Associação dos Magistrados do Paraná – AMAPAR, ano 07, n. 03, nov. 2011.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. A (nova) política de formação de professores: a prioridade postergada. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, out. 2007.

FREUD, Sigmund. Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7. p. 118-229.

GENTILI, Pablo. Três Teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luís (Org.).

Capitalismo, trabalho e educação. 2. ed. Campinas: Autores Associados; HISTEDBR, 2004. p. 45-59.

GRUSCHKA, Andréas. Escola, Didática e Indústria Cultural. In: DURÃO, Fabio; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre (Org.). **Indústria Cultural Hoje.** São Paulo: Boitempo, 2008. p. 173-183.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias.** Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

_____. Heterogênese. In: GUATTARI, Félix. **Caosmose:** um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Edições 34, 1992. p. 11-95.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 78, p. 15-35, abr. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002000200003>>. Acesso em: 23 dez. 2017.

PONTALIS, Jean Bertrand; LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da Psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil.** 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade:** uma introdução as teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.